

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ

Redactor principal—CARLOS JOSÉ DE SOUSA

Propriedade da Confederação Geral do Trabalho

Editor—Carlos Maria Coelho

PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

Aderente à Associação Internacional dos Trabalhadores

ANO VI—Número 1.789

Sexta-feira, 12 de Setembro de 1924

PREÇO—30 CENTAVOS

Redacção, Administração e Tipografia

Calçada da Cimbra, 38-A, 2.º Lisboa—PORTUGAL

TELEFONE—5339-C

Officina de Impressão—Rua da Atalaia, 114-115

Durante a madrugada de hoje produziu-se uma tentativa revolucionária — que ficou em nada...

NOS CAMINHOS DE FERRO DO SUL E SUESTE

A DISCIPLINA E A COMPETÊNCIA DO PESSOAL ESTÃO COMPROVADAS

A organização sindical ferroviária do Sul e Sueste é para os dirigentes daquelas linhas o motivo dos seus ataques contra o pessoal. Coloquem à frente dos serviços, engenheiros inteligentes e competentes e o esforço do pessoal dará quanto lhe pedirem. Só com a colaboração duma nova organização dos serviços, em bases amplas e atendendo aos pontos que indicamos, se podem completar os meios para desenvolver os Caminhos de Ferro do Estado.

“A BATALHA”, COM ESTA CAMPANHA, PRESTOU MAIS UM SERVIÇO AO POVO EXPLORADO

Uma das tocas mais fortemente batidas pelos responsáveis do descalabro administrativo nos Caminhos de Ferro do Estado é a disciplina do pessoal. Com esse argumento tem-se atacado o pessoal, perante a opinião pública, pretendendo-se torná-lo responsável por uma situação que foi criada apenas pelo desleixo, pela inépcia e pela incompetência dos dirigentes. E o que é mais importante é que engenheiros que nunca prestaram serviço nas redes ferroviárias do Estado foram opinião idêntica, somente por terem recebido a influência dos seus colegas que, à falta de melhor aplicação, se dedicam a esconder a sua nulidade profissional com acusações aos operários e empregados. Sobre os ferroviários do Sul e Sueste, essas acusações incidem com mais violência, chegando-se ao ponto de, para lhes dar maior relevo, considerarem o pessoal do Minho e Douro um pessoal submisso em relação ao do Sul e Sueste, que goza da fama de pessoal insubordinado. Até em relatório se faz menção de tais acusações, declarando-se ser o problema da disciplina no Sul e Sueste um problema gravíssimo a resolver.

Um director houve—o sr. Ruas Avelar—que foi até ao exagero de propor a transferência das oficinas para Póvoa por motivos da indisciplina do pessoal!! Ha, pois, algo que dizer sobre

a tam decantada indisciplina do pessoal do Sul e Sueste e a Batalha reservou-se para hoje para produzir sobre o caso os necessários comentários e colocar a questão no seu verdadeiro lugar.

No Sul e Sueste não há indisciplina—podemos desde já afirmar categoricamente.

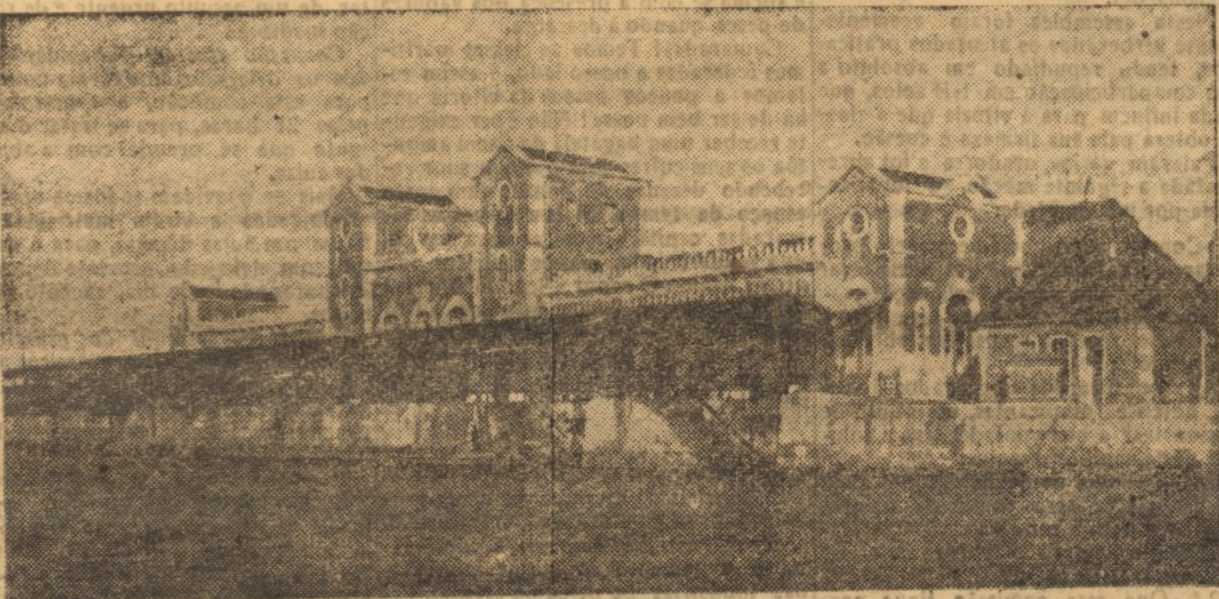
O que há nos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste é um pessoal competentíssimo, que sob a direcção de hábeis e competentes técnicos, realizará uma produção apreciável e executará todos os serviços com rapidez e perfeição, mas que se recusa a suportar a tutela de qualquer engenheiro, que apenas saiba assinar expediente. E se alguns actos violentos lhe podem ser atribuídos, eles têm sido apenas o resultado dos excessos disciplinares cometidos pelos alvejados, como neste momento se está produzindo, em que a Direcção manda fazer um inquérito, para averiguar do nome dos ferroviários que constituiram a meza das assembleias, que no mês findo tiveram lugar na sede das Delegações. O pessoal do Sul e Sueste possui uma sólida organização sindical, que dispõe de prestígio e de força bastante para oferecer resistência aos ataques dos dirigentes e é esse o motivo principal porque aqueles o acusam de indisciplina e violento. No entanto, engenheiros como o engenheiro Abecassis Júnior, Neff Sobral e outros, reconhecem

esse pessoal qualidades admiráveis, tendo-o dirigido sempre com agrado e sem receberem o menor agravo.

E' porque estes engenheiros, souberam desempenhar os seus car-

gos com inteligência, sem necessidade de violências, porque sabiam que a melhor disciplina é a que resulta do esforço voluntário do trabalhador. E um dos meios a que está ligado o desenvolvimento dos Caminhos de Ferro do Estado, é a modificação dos métodos de tratamento do respectivo pessoal e o melhoramento das suas condições económicas e do trabalho.

Ponham-se em execução as medidas antes por nós indicadas e proceda-se para com o pessoal com mais humanidade, com mais cordão e com mais inteligência e a sua atitude de resistência continua, dirigente.



A fachada Norte da estação do Barreiro

com inteligência, sem necessidade de violências, porque sabiam que a melhor disciplina é a que resulta do esforço voluntário do trabalhador. E um dos meios a que está ligado o desenvolvimento dos Caminhos de Ferro do Estado, é a modificação dos métodos de tratamento do respectivo pessoal e o melhoramento das suas condições económicas e do trabalho.

Um dos grandes males que atacou o Sul e Sueste, foi também a criação de lugares superiores, que hoje são quasi tantos como as categorias e as classes. Tem-se legislado para os Caminhos de Ferro do Estado sem método nem orientação e por isso os decretos se sucedem, anulando-se uns aos outros. E' condição indispensável para que as redes ferroviárias do Estado progridam, que se pro-

ceda também à elaboração duma organização que corresponda às presentes e futuras necessidades dos serviços e às modernas condições de vida pessoal. Sem isso, todas as outras medidas a adoptar resultarão estériles. Não se deve porém repetir o erro de atirar com um decreto contendo a vontade dum homem, como sucedeu com o decreto 8924 de 18 do ano findo, a que chamaram imprópriamente—Organização dos Caminhos de Ferro do Estado—e que desde o seu primeiro artigo ao último, só anomalias contém.

Uma nova organização dos serviços só pode ser útil, quando na sua estrutura geral atenda aos seguintes pontos:

Redução dos lugares de direcção técnica a cargo de engenheiros, em todos os serviços que não exijam uma acção técnica superior, previamente reconhecida.

Redução dos lugares superiores, quer administrativos ou técnicos, até ao estritamente necessário.

Alongamento dos quadros do pessoal até onde as exigências dos serviços o determinem.

Redução das categorias e dos alunos até onde forem reconhecidas indispensáveis.

Rigorosa observância do regime das 8 horas de trabalho em todos os serviços e fixação dos salários e vencimentos mínimos em todas as categorias.

Resumindo a isto a supressão

dos serviços considerados dispensáveis e a concessão das maiores garantias ao pessoal, ter-se-há realizado uma importante economia e estará achada a fórmula de se conseguir obter do pessoal tudo quanto o seu esforço e a sua competência possam dar.

E' claro que tais pontos são considerados inaceitáveis, por aqueles que até agora ainda não encararam o problema da produção com inteligência e desassombro.

A Batalha ao afirmar que os meios úteis a empregar, para que os Caminhos de Ferro do Estado possam atingir um grande desenvolvimento que corresponda à sua importância económica e social, são os já indicados, tem em vista deixar marcada a campanha que iniciou, com os elementos de estudo necessários, para os que queiram analisar o problema ferroviário do Estado com atenção e sem objectivos de especulação política ou financeira.

Muito mais A Batalha poderia ter dito sobre escândalos e má administração, como sobre meios a adoptar para modificar os processos usados, mas o que ficou arquivado nas suas colunas, é bastante, para que o público deixe de ignorar o motivo porque é mal servido nas redes ferroviárias do Estado e o que é necessário fazer-se para que essas linhas o sirvam em conformidade com aquilo que ele paga.

A Revolução em Espanha

Já uma vez os monárquicos em Espanha se resignaram a proclamar a república, por não terem maneira de dentro da fórmula monárquica estabelecerem a continuidade dum governo nacional autônomo. Faltava um pretendente ao trono e a monarquia caiu por falta de rei.

Vai dar-se, ao que parece, uma situação idêntica. No trono da Espanha está ainda Afonso XIII, mas não vale nem mesmo como um símbolo. O rei de Espanha deixou de o ser no dia em que, procurando a cooperação de Primo de Rivera, se divorciou da opinião dos próprios monárquicos.

O militar mal educado que se arrojava em tal escorço do papel os homens de mais destaque da monarquia, incompatibilizando-os com o monarca. Afonso XIII desde o início da ditadura deixou de contar para a Espanha, mesmo para aquela parte de Espanha de tradição e princípios monárquicos.

O monárquico espanhol encontra-se pois numa situação idêntica à que levou os de 1873 a proclamarem a república. Afonso XIII vive ainda, mas o trono pode considerar-se já vago. E os espanhóis compreendem muito bem que para substituir a sombra do rei que hoje têm não há já outra solução que não seja a de repetir o gesto dos monárquicos espanhóis daquele tempo—o proclamarem a república.

Na verdade o rei de Espanha abdica no dia em que, o se deixou vencer por um movimento militar, sujeitando-se a uma diminuição do poder, o que representa a sua anulação como soberano, ou a própria sugestão e impulsão desse movimento tendo levado a um expediente, que da

mesma forma lhe anula todo o prestígio. De qualquer das formas, incompatibilizado com os partidos, já não pode governar com nenhum deles.

Por isso mesmo os homens mais representativos da política espanhola não desdenham ligar-se aos republicanos e aos extremistas para um golpe revolucionário que deponha o rei e proclame a república. Sobre este facto parece que ninguém tem dúvidas, nem nenhuma novidade estamos dando aos nossos leitores.

O que importa agora é seguir com atenção os acontecimentos que se vão desenrolar e aproveitar paralelamente em Portugal a transformação que se vai operar em Espanha. E' que a revolução vai ter necessariamente um alcance social considerável, que pode ter uma imediata repercussão para cá da fronteira.

Quando se proclamou a outra república espanhola saiu ela já muito mais avançada, proclamada por monárquicos, do que a da Rotunda proclamada por republicanos. Foi uma república acentuadamente democrática com uma só câmara, que elegia ela própria o ministério. Por sua vez não havia um presidente da república permanente. Quem exercia as funções de chefe de Estado era o presidente do governo, que podia cair no parlamento com uma simples moção de confiança.

A legislação dessa república, as suas aspirações, o seu espírito foram acentuadamente radicais. Ora isto passou-se há mais de meio século. O que será uma república proclamada agora em Espanha, depois da revolução russa e em plena evolução da república francesa e invasão da monarquia

OS JESUITAS EM PORTUGAL

O exército negro—A sua moral—A influência nos hábitos do povo—Da resignação cristã à sopa dos conventos—O marquês de Pombal e Afonso Costa

O inimigo na sombra é mais difícil de combater

Quando um homem usa de processos traiçoeiros para ferir outro, o vulgo dá-lhe uma classificação: Jesuíta. O que sorri na nossa frente, nos acalinhos, nos faz as mais rasgadas manifestações de simpatia e apreço e, abusando da confiança que cria no nosso coração, se aproveita para nos fazer cair num laço—é um jesuíta.

O jesuíta é perigoso, não apenas por destruir e aniquilar, mas porque o seu punhal está disfarçado entre flores de jesuitas... E' mais perigoso um jesuíta de felas mansas, menos atraentes e máscara de piedade aveludado no rosto do que um general bruto e violento. Por isso a invasão desse exército negro, como a sombra dum noite sem lua é mais perigosa para um país, do que um exército de conquista com os seus clarins e espadas reluzindo ao sol amigo da Verdade. Este destrói edifícios, ceifa vidas, causa sangue—o outro insinua na alma dum povo desprevenido e credulo uma moral de cobardia, de hipocrisia e de traição. Os edifícios que um exército derruba, reconstruem-se;

inglês pelos trabalhistas? O que será uma república consequência duma revolução em que os elementos mais activos e de mais prestígio são os republicanos, socialistas, comunistas e outros elementos avançados? Temos de contar que irá um pouco mais longe que esta república do sr. Afonso Costa.

Ora como em Portugal uma das razões porque ainda a população não decidiu transformar a república, a dar-lhe um carácter

as vidas que ceifa substituem-se, mas a moral jesuíta transmite-se de pais para filhos, de filhos para netos, de geração para geração e é mais difícil de destruir do que um prédio de construído.

O jesuíta é o inimigo mais perigoso do homem, ataca as sociedades, como o germen dum doença o corpo humano. Uma sociedade dominada pelo espírito jesuíta é uma sociedade doente.

Portugal como a Espanha, como quasi todos os países meridionais da Europa, foi uma das nações onde a influência dos jesuitas mais se fez sentir. Essa influência revelou-se dum maneira deploável na alma do povo. O fanatismo religioso, o abandono da resolução dos mais importantes problemas da vida social ao juízo supremo da Providência, a resignação perante as maiores calamidades, o medo ao desconhecido, o hábito de mendigar, a inércia—ficaram nos usos dum povo que poderia ser energético e saudável. De nada serviu a expulsão dos jesuitas levada a cabo pelo marquês de Pombal. Os jesuitas ficaram

socialista tom o sido o receio das dificuldades internacionais e até principalmente as que resultariam de termos um mau vizinho ao pé da porta, segue-se que uma república espanhola como a que provemos facilitará necessariamente uma reviravolta de tudo isto. Não, pois, que estejamos prevenidos para todos os acontecimentos para nos não deixarmos surpreender por eles e, pelo contrário, para os aproveitarmos convenientemente.

na sopa dos conventos, a moral que eles moldaram e no próprio marquês de Pombal, que os expulsou. Foi-se o corpo, ficou a alma, a consciência jesuíta que não se destrói com decretos, nem desterros.

Com o advento da república, Afonso Costa, que os republicanos pretendem seja o marquês de Pombal do século XX, engendrou a lei de separação da Igreja do Estado, no intuito de salvar o Estado das influências jesuíticas, renovou-se a expulsão da Companhia de Jesus. Mas, como no século XVIII, a moral dos jesuitas ficou orientando milhares de pessoas, que não sendo padres, não pertencendo à Companhia de Jesus, eram tam ou mais jesuitas do que os outros que usam sotaina e rosário latino. Os jesuitas ficaram no próprio Afonso Costa que aparecendo ao povo, com a máscara de democrata, só tem actos de reacção odiosos.

Os jesuitas não se destroem com decretos platónicos, nem com bombas nas procissões, nem alhedados contra as igrejas—destroem-se com luz.

A claridade atordoa-os como aos morcegos. E a claridade que poderá iluminar a alma do povo que a moral da Companhia de Jesus tornou tam sombria—é a claridade da ciência sem dogmas, da escola racional, da moral libertária e pura. E a escola, essa moral não a podem dar o estado republicano, tumbor jesuíta na sociedade portuguesa, mas uma intensa propaganda de princípios que os socialistas e anarquistas devem fazer junto do povo.

Antes de iniciar as nossas revelações, acerca da acção dos jesuitas nestes últimos anos em Portugal, era imprecisamente

Os fragateiros e o seu protesto contra a prisão do presidente

O movimento de solidariedade e de protesto contra a prisão do presidente da Associação dos Fragateiros, prosseguiu ontem, estando paralisados todos os serviços no Tejo, porquanto todas as classes marítimas, apoiando os fragateiros, também abandonaram o trabalho.

Já nos referimos resumidamente o origem do conflito, mas procuramos em termos alguns camaradas fragateiros que nos elucidaram suficientemente sobre o assunto.

—Há cerca de três meses informámo-nos—foi suspenso em assembleia geral o sócio por não cumprir determinadas resoluções da classe. Como esse indivíduo dali a pouco andasse a trabalhar numa fragata que conduzia cortiça para o vapor, a nossa classe pediu a solidariedade da Associação dos Estivadores para que não fizessem a descarga, ao que aquele sindicato acedeu, ficando a fragata atracada ao vapor nos dois dias. Os seus proprietários, como vissem que a descarga não era feita, resolveram mandar refrear o barge.

—Dias depois foi chamado à Capitania o presidente da Associação dos Estivadores a quem foi perguntada a razão dos estivadores se negarem a descarga, respondendo a quem foi para prestar solidariedade aos fragateiros como fora pedido, sendo-lhe exigido um documento em que tal se confirmasse.

divel este preâmbulo breve, para dar ao leitor uma impressão nitida da qualidade do inimigo que temos de combater. E' poderoso e oculto. Arenas os seus efeitos deploráveis são bem patentes aos olhos dos que amam o Bem e a Verdade.

Da sombra emerge a garra adunca que aperta a garganta do povo!

Na sombra se planeiam os mais tenebrosos assaltos à consciência popular! Para combater o inimigo que não surge à luz do sol, que não luta frente a frente, é preciso penetrar na sombra onde ele se oculta, espreitar-lhe os maneios, apañar-lhe os planos, surpreendê-lo desprevenido. Foi isso que o nosso reporter fez. Ele revelou o resultado das suas investigações.

—Ora esse documento era assinado pelo presidente da Associação dos Fragateiros, o nosso camarada António Dias Tavares, não sendo de sua responsabilidade esse pedido de solidariedade, mas sim de toda a classe, pois o camarada Tavares limitou-se a cumprir simplesmente as determinações da assembleia geral.

—O camarada Tavares, em virtude do precário estado de saúde, foi para a terra da sua naturalidade de onde regressou há dias. Após a sua chegada recebeu uma contra-órde da capitania do porto. Não sabendo do que se tratava, foi lá e o respectivo capitão disse-lhe estar condenado em três dias de prisão por se opor à descarga dum fragata de cortiça.

—Então foi o presidente responsável por uma deliberação da assembleia geral?—atalhamos.

—E' como vê. Como já lhe disse ele só cumprir com as determinações da classe. No sábado, dia em que lhe fizeram essa comunicação, uma comissão delegada dos fragateiros e da Federação Marítima pretendem avistar-se com o capitão do porto para tratar do caso, mas aquela autoridade não recebeu. A' noite reuniu a assembleia geral dos fragateiros, com uma concorrência numerosa, mesmo fora do vulgar, que assumiu toda a responsabilidade do que se havia passado, resolvendo os corpos-gentes entregarem-se tam à prisão e a classe paralisar o trabalho enquanto se mantivesse a prisão do presidente, se não conseguisse ficar sem efeito a resolução do capitão do porto.

—E empregaram alguns esforços nesse sentido?

—Em virtude de aquê a autoridade não nos receber ou nada resolver, entendem-se uma comissão com o governador civil, que na terça-feira procurou o capitão do porto, afirmando-lhe este senhor nada poder já fazer porquanto só cumprira a lei, etc. Ainda o governador alvitrou que a prisão fosse revertida a dinheiro, mas o capitão do porto continuou a defender-se com a lei. E assim, na mesma terça-feira, lá foram para o Limoeiro, escoltados por sete agentes da policia marítima e cinco soldados da guarda republicana, os três criminosos: o presidente e os 1.º secretário e vogal que se entregaram à prisão.

—E qual a atitude da classe?

—Os fragateiros mantêm-se paralisados

Últimas noticias

**Trabalhadores:
Contribui com a escola!**

Foi resolvido, como último recurso, convocar para a próxima terça-feira, 16, pelas 18 horas, a assembleia geral da classe, para se ocupar de tão momentoso assunto, cuja gravidade exige a comparação de todos os seus componentes.

terendendo a conveniência de agitar
tam magno assunto, marca nova sessão
para a próxima quinta-feira, não só
para aqueles que estejam desemprega-
dos mas ainda para aqueles que estão
empregados, visto a solução da
crise interessar a todos.

quem trabalha, esquecendo-se por-
que os indivíduos que se encon-
delidos são o único sustento de
rosas pessoas.

nta este Secretariado que o actu-
or da P. S. E. tome na devid
deração a situação deste preso.

Do programa faz parte a representação da peça em 1 acto, de Bento Miana, «O Fado», um acto de cabaret, a comédia em 1 acto «Dôr de cotovelo» e a canção nacional.

